

**PRESIDENTE**  
Marco Antonio Zago

**VICE-PRESIDENTE**  
Ronaldo Aloise Pili

**CONSELHO SUPERIOR**

Carmino Antonio de Souza, Helena Bonciani Nader, Ignácio Maria Poveda Velasco, João Fernando Gomes de Oliveira, Liedi Legi Bariani Bernucci, Mayana Zatz, Mozart Neves Ramos, Pedro Luiz Barreiros Passos, Pedro Wongtschowski, Vanderlan da Silva Bolzani

**CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**

**DIRETOR-PRESIDENTE**  
Carlos Américo Pacheco

**DIRETOR CIENTÍFICO**  
Luiz Eugênio Mello

**DIRETOR ADMINISTRATIVO**  
Fernando Menezes de Almeida

# Pesquisa

FAPESP

ISSN 1519-8774

**COMITÊ CIENTÍFICO**

Luiz Henrique Lopes dos Santos (Presidente), Agma Luci Machado Traina, Américo Martins Craveiro, Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida, Angela Maria Alonso, Carlos Américo Pacheco, Claudia Lúcia Mendes de Oliveira, Deisy das Graças de Souza, Douglas Eduardo Zampieri, Eduardo de Senzi Zancul, Euclides de Mesquita Neto, Fabio Kon, Flávio Vieira Meirelles, Francisco Rafael Martins Laurindo, João Luiz Filgueiras de Azevedo, José Roberto de França Arruda, Lilian Amorim, Lucio Anghes, Luciana Harumi Hashiba Maestrelli Horta, Mariana Cabral de Oliveira, Marco Antonio Zago, Marie-Anne Van Sluys, Maria Julia Manso Alves, Marta Teresa da Silva Arretche, Richard Charles Garratt, Roberto Marcondes Cesar Júnior, Rui Monteiro de Barros Maciel, Wagner Caradori do Amaral e Walter Colli

**COORDENADOR CIENTÍFICO**  
Luiz Henrique Lopes dos Santos

**DIRETORA DE REDAÇÃO**  
Alexandra Ozorio de Almeida

**EDITOR-CHEFE**  
Neldson Marcolin

**EDITORES** Fabrício Marques (Política & T), Glenda Mezarobba (Humanidades), Marcos Pivetta (Ciência), Yuri Vasconcelos (Tecnologia), Carlos Fioravanti e Ricardo Zorzetto (Editores especiais), Maria Guimarães (Site)

**REPÓRTERES** Christina Queiroz, Rodrigo de Oliveira Andrade

**REDATORES** Jayne Oliveira (Site) e Renata Oliveira do Prado (Mídias Sociais)

**ARTE** Claudia Warrak (Editora), Júlia Cherem Rodrigues e Maria Cecilia Felli (Designers), Alexandre Affonso (Editor de infografia), Felipe Braz (Designer digital)

**FOTÓGRAFO** Léo Ramos Chaves

**BANCO DE IMAGENS** Valter Rodrigues

**RÁDIO** Sarah Caravieri (Produção do programa Pesquisa Brasil)

**REVISÃO** Alexandre Oliveira e Margô Negro

**COLABORADORES** Bruno Rafael Fermino, Daniel Almeida, Danilo Albergaria, Domingos Zapparoli, Eduardo Geraque, Frances Jones, Gilberto Stam, Juliana Russo, Leonardo Lemos de Souza, Sídney Santos de Oliveira, Sinésio Ferreira, Vitor Rocha, Tiago Jokura Jokura

**REVISÃO TÉCNICA** Claudia Mendes de Oliveira, Francisco Laurindo, Gláucia Souza, José Roberto Arruda, Lilian Amorim, Maria Beatriz Florenzano, Rafael Garcia, Ricardo Hirata, Rui Maciel, Walter Colli

**MARKETING E PUBLICIDADE** Paula Iliadis  
**CIRCULAÇÃO** Clair Marchetti (Gerente), Aparecida Fernandes e Greice Foiani (Atendentes de assinaturas)

**OPERAÇÕES** Andressa Matias  
**SECRETARIA DA REDAÇÃO** Ingrid Teodoro

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DE TEXTOS, FOTOS, ILUSTRAÇÕES E INFOGRÁFICOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO

**TIRAGEM** 30.370 exemplares  
**IMPRESSÃO** Plural Indústria Gráfica  
**DISTRIBUIÇÃO** RAC Mídia Editora

**GESTÃO ADMINISTRATIVA** FUSP – FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**PESQUISA FAPESP** Rua Joaquim Antunes, nº 727, 10º andar, CEP 05415-012, Pinheiros, São Paulo-SP  
**FAPESP** Rua Pio XI, nº 1.500, CEP 05468-901, Alto da Lapa, São Paulo-SP

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO  
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

## CARTA DA EDITORA

# Captando as sutilezas

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

A matriz energética brasileira destaca-se por ser mais limpa do que a média. Em 2019, 46% provinham de fontes com baixa emissão de carbono, comparado a 16% no mundo (e 26% na Europa). As mais de 200 usinas hidrelétricas instaladas em território nacional são as grandes responsáveis pelo fornecimento de energia renovável e não poluente, produzindo dois terços da eletricidade consumida.

A crise hídrica de 2021 evidenciou a dependência do Brasil de um modelo que sofre desgaste em várias frentes. À medida que ampliou o uso do seu potencial hidrelétrico, o Estado brasileiro foi construindo usinas em locais mais distantes, com impactos ambientais e sociais que passaram a ser mensurados com métodos mais rigorosos, aumentando seu custo político. As bacias hidrográficas vêm sofrendo os efeitos das mudanças climáticas, por sua vez agravadas pelo desmatamento no país. Os reservatórios do subsistema Sudeste/Centro-Oeste, que contempla as principais usinas, baixaram a 20%.

Embora a capacidade elétrica instalada tenha mais do que dobrado desde a última grande crise, em 2001, com significativa expansão de outras fontes renováveis, como eólica, solar e biomassa, foi para as termelétricas que o governo recorreu para conter os impactos da falta de energia – fonte cara e poluente. A reportagem de capa desta edição traz um panorama das vulnerabilidades do sistema elétrico nacional (página 30) e as perspectivas de diversificação da matriz (página 36), com destaque para a força do sol e do vento.

\*

Interpretar o Brasil não se reduz a trabalhar os grandes panoramas, diz o sociólogo Gabriel Cohn. É preciso captar as

sutilezas. Inicialmente dedicado a pesquisas sobre comunicação e depois a estudos voltados à teoria da justiça, Cohn fala das dificuldades de análise do país, cujo padrão de civilização se caracterizaria pelo movimento pendular entre punição e impunidade (página 24). “Não é suficiente repetir centenas de vezes o horror da escravidão, fenômeno que obviamente é fundamental para a compreensão do país. Quanto mais bruta a sociedade, mais fina tem de ser a sua análise.”

Um possível exemplo desse olhar mais agudo desponta justamente nos estudos sobre a violência na sociedade brasileira. Pesquisadores se debruçam sobre essa grande área há décadas, mas apenas recentemente começaram a olhar para as organizações policiais, que formam agentes e executam políticas de segurança pública. Formados por e atuantes em estruturas que enfatizam os aspectos repressivos e punitivistas do direito penal e são marcadas por uma postura de combate oriunda da cultura militar, agentes morrem ou são feridos por armas de fogo, sofrem de depressão e insônia, quadros agravados por falta de assistência psicológica e social.

Em movimento convergente, essas organizações começaram a se abrir ao diálogo com o universo acadêmico a partir das pesquisas que incluem os agentes policiais entre as vítimas dessa violência. E alguns profissionais da segurança pública têm investido em formação acadêmica para ampliar a busca de soluções para problemas de suas corporações. Reportagem na página 76 apresenta algumas pontes em construção para enfrentar os desafios, como violência urbana, letalidade policial e morte de agentes, por meio de políticas que privilegiem a mediação dos conflitos e a preservação da vida.